

## ARTIGO

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO SUJEITO: O *HABITUS* E A IDENTIDADE DOCENTE**Adriana Santana <sup>1</sup>Cleusa Máxima Sabino <sup>2</sup>

---

**RESUMO**

Este artigo tem por objetivo recuperar as memórias escolares, na busca dos elementos que nos constituíram como sujeitos para, de uma perspectiva possível, compreender os elementos presentes na identidade docente. Tais trajetórias são consideradas como espaços que permitiram construir nosso pensamento, conduta, comportamento, identidade e valores culturais que são denominados por Bourdieu como *habitus* que adquirimos ao longo de nossa experiência socializadora. Por outro lado, problematiza-se a questão da aquisição do capital cultural visto por Bourdieu como um diferencial importante na legitimação das posições sociais. Em face desse objetivo, os dados foram analisados de modo a evidenciar situações de desigualdade que se perpetuam em função de um processo de reprodução presente na escola que, ao invés de levar a superação dessa desigualdade, produz sua continuidade. Desse modo, foi possível questionar o lugar desse *habitus* constituído na prática pedagógica, ou seja, em que medida essa construção social engendra os posicionamentos possíveis na identidade profissional das professoras pesquisadas. O referencial teórico de Bourdieu apoia, portanto, a discussão que aqui empreendemos em busca de respostas possíveis para a constituição identitária do professor, além da contribuição dos estudos de Oliveira, Cunha e Valle. A discussão do ponto de vista teórico permitiu concluir que o *habitus* constituído pelo sujeito, nos processos de socialização ao longo de sua trajetória de vida e socialização é responsável pelo capital

---

<sup>1</sup> Formada em Administração Geral em 2009, trabalha como bancária. Atualmente cursa Pós-graduação em Docência do Ensino Superior no Instituto Sumaré de Educação Superior (ISES).

<sup>2</sup> Formada em Ciências Contábeis, em 2012, atua como profissional liberal, especialista em abertura e encerramento de empresas; professora na área contábil nos cursos de Auditoria e Custos. Atualmente cursa Pós-graduação em Docência do Ensino Superior no Instituto Sumaré de Educação Superior (ISES).

cultural possível para cada sujeito social, ele representa o motor capaz de agregar valor no contexto profissional e pessoal. Na realidade, porém, ele funciona como a reprodução de uma violência simbólica que implica desdobramentos importantes para a identidade docente e para as práticas exercidas pelo professor.

**Palavras Chave:** educação, desigualdade, *habitus*, identidade

## Introdução

O artigo discute a construção da identidade docente em função das experiências vividas por professores no mundo social e as consequências desse fenômeno na consecução das práticas pedagógicas. Como se constrói essa identidade, ela é consciente ou inconsciente?

Para análise de tal problemática, nos apoiamos na teoria do “*habitus*” entendido como disposições duráveis e transponíveis que no curso dos processos de socialização, tem a função de engendrar e organizar as práticas e as representações de indivíduos nos diferentes grupos de pertença.

As práticas realizadas naturalmente expressam um *habitus* incorporado que se traduz numa intencionalidade sem intenção e dá sentido as práticas sociais, inclusive as profissionais, e produzem estratégias que permitem enfrentar situações imprevisíveis. Segundo Bourdieu (2003), *habitus* pode ser definido como:

"(...) sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações, e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas que permitem resolver os problemas da mesma forma e graças às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidas por estes resultados" (p. 65).

Para definir as relações que produzem a construção do sujeito diante dos processos de socialização a que esteve submetido em sua trajetória de vida e socialização, ou dito de outra maneira, como se deu a constituição de seu *habitus* procuramos responder duas questões que nos levaram a recuperar memórias escolares num processo que busca evidenciar a intencionalidade da prática. Por que a transformação identitária parece tão difícil? Por que fazer algo diferente parece condenável aos olhos da sociedade? Tais respostas serão fundamentais para problematizar o

conceito de *habitus* e capital cultural, de modo a compreender a influência de seus mecanismos na prática pedagógica.

Os resultados possíveis para essa análise apontam que o *habitus* constituído das professoras analisadas responde por suas percepções diante das escolhas pessoais e profissionais; tal fenômeno parece reafirmado ainda, em função do capital cultural vivido por elas e coerente com as condições objetivas presentes durante suas trajetórias de socialização.

## A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO SUJEITO

O conceito de *habitus* (BOURDIEU, 2003) busca explicar o mecanismo que nos torna, desde o nascimento, sujeitos sociais. Discute, a partir dos processos de socialização, como nos constituímos, como se dá a formação de nossa identidade pessoal e profissional, ou seja, como nos tornamos sujeitos sociais.

A ideia de *habitus* considera a ação social que nos constituiu nos processos de socialização, tanto como fruto das estruturas sociais (que já existem antes de nossa chegada ao mundo: aspectos econômicos, políticos e sociais) quanto como escolhas, baseadas na interpretação possível que o sujeito faz desses processos de socialização a que esteve submetido.

Nenhum sujeito social deixa de passar por esse processo que é singular, embora seu resultado se torne diferente, em função do modo como cada um interpreta essa experiência socializadora. Trata-se de compreender as práticas como fatos simbólicos a serem decifrados; a prática é o resultado desse *habitus*, representa o modo como respondemos aos desafios cotidianos, ou seja, é produto de uma relação dialética entre uma situação e um *habitus*: a cada situação vivida, o sujeito lança mão de uma resposta, de um encaminhamento, toma uma posição, forma uma opinião. Todas essas situações enfrentadas no dia a dia requerem que seja dado um norteamento, quando o sujeito aponta um caminho possível está acionando disposições presentes no seu *habitus* constituído.

Bourdieu (2003) afirma que essas disposições que formam o *habitus* são depositadas em cada sujeito pela educação familiar como um código que exige um mínimo de concordância para se

expressar, emerge na ausência de qualquer cobrança porque já está na consciência como uma regularidade, a ação se torna, assim, automática.

O deciframento da ação ultrapassa os projetos conscientes, individuais e coletivos; estão inscritas na situação contextual, nas relações interpessoais; cada um de nós transporta em todo tempo e lugar, a posição presente e passada na estrutura social, então, não é indivíduo e indivíduo que se relacionam, mas *habitus*, disposições, pessoas sociais (BOURDIEU, 2003).

As interações estão impregnadas por esse *habitus* e por relações entre a condição e a posição, que constituem a trajetória biográfica e relacional dos sujeitos na vida social. Essa trajetória é constituída pela cultura que permeia esse mundo do sujeito; onde ele nasceu, como viveu, que características possuía sua família, que condição social e econômica permearam suas experiências, todos esses aspectos pesam na configuração do *habitus*.

E é justamente essa ordenação que aparece como um modo natural de conceber o mundo em face das condições sociais de sua produção; constitui um tecido de significados sem o qual nenhuma sociedade poderia existir.

Isso significa dizer que, durante os processos de socialização, os sujeitos são impregnados de princípios que regem sua ação, pautados por valores e crenças que esse ambiente familiar/escolar/profissional valoriza como certo, por isso, podemos dizer que é uma experiência dirigida e intencional, porém, esse conjunto de princípios sofre alterações nas interações vividas pelo sujeito ao longo da vida e no trabalho (OLIVEIRA, 2014, p. 81).

Buscar os fundamentos dessa inserção social é procurar entender processos que se referem a contextos específicos, pois, o que é “real” para um, pode não ser para o outro, esse fato leva o indivíduo a agir de acordo com aquilo que aprendeu com a atividade humana em constante movimento.

Se o sujeito se configura a partir da construção de disposições que formam um conjunto de representações que chamamos de *habitus*, é possível dizer que o “capital cultural” presente nos contextos onde esse *habitus* se forma, também é definidor de muitas situações vividas socialmente.

A desigual distribuição deste recurso raro chamado de “capital cultural” estimula ainda mais a corrida pela posse desse bem, o que denuncia o constante jogo de dominação de um grupo sobre o outro para manter estrategicamente a estrutura simbólica reconhecida e legitimamente aceita por todos (CUNHA, 2007, p. 505-506).

O conceito de capital cultural parece, então, definir uma cultura pertencente a um determinado grupo como a cultura legítima e que se constitui como instância de validação da posse e/ou pertencimento a essa cultura. Esse fenômeno se dá em função da forma como se materializa na sociedade, são os diplomas, certificados, experiências e posições que permitem ao sujeito a consideração de “pertencerem” a um grupo que ocupa posições reservadas àqueles que detêm essa cultura, que a possuem como um bem simbólico reservado a grupos específicos.

Em outras palavras, o que Bourdieu (2003) parece dizer é que ao analisar o pertencimento do sujeito no mundo social, é preciso evidenciar os mecanismos ocultos da dominação presentes nas diversas práticas sociais e culturais.

No entanto, é preciso ainda problematizar que esse “capital cultural” está diretamente ligado às oportunidades ligadas às condições objetivas destinadas a cada sujeito social, ou seja, se o sujeito não teve condições materiais de adquirir certo patrimônio cultural é porque a sociedade em que vive pode não ter proporcionado meios para isso; no entanto, o que ocorre com muita frequência é que o sujeito é julgado e classificado segundo essa característica que parece se configurar como um juízo de valores que, em muitas situações, exclui o sujeito de determinados grupos, reservados apenas àqueles que possuem esse capital cultural legitimado socialmente.

Assim, o conceito de “capital cultural” ocupa um lugar central para explicar as desigualdades diante, por exemplo, da escola e da cultura. Mas, é importante salientar ainda que, esse mecanismo de seleção age de modo a selecionar grupos de modo condizente com a estrutura de dominação vigente com o objetivo de manter a hierarquização presente na sociedade.

As classes populares, por exemplo, contrariamente ao que vive as classes dominantes socializadas por meio de habilidades que fazem parecer que sua condição de classe é uma condição natural, devem empregar o dobro do esforço para ascender a uma cultura escolar reconhecida.

As classes dominantes reforçam por meio do discurso ideológico uma legitimação de seus privilégios culturais e transformam essa herança social em mérito pessoal, ou seja, fica a impressão que eles pertencem a uma classe social que, naturalmente os torna superiores. Todavia, é preciso desmistificar esse mecanismo e compreender que esse processo é construído e reforçado pela classe dominante para manter suas posições e manter as classes populares sob dominação.

Portanto, o retorno às memórias formativas é um caminho possível para a compreensão da constituição identitária dos sujeitos analisados, bem como para compreender os mecanismos de dominação presentes na construção de seu capital cultural.

## MEMÓRIAS ESCOLARES: Uma Incursão nas trajetórias de socialização

Na tentativa de recuperar elementos constitutivos do *habitus* fizemos o caminho de volta e rememoramos as experiências vividas nos bancos escolares com o intuito de descortinar um horizonte até agora inexplorado. A viagem surpreende pela riqueza de detalhes que vividos cotidianamente não ganham a importância merecida.

Desse modo, é possível dizer que redescobrimos elementos essenciais, descortinamos decisões, emoções e comportamentos tomados como naturais e que agora, nos parece, de fato, construídos.

*Hoje assistindo Capital Cultural, um filme de Bourdieu no You Tube, é que pude entender a minha infância na fase da escola. Até meus cinco anos fui uma menina feliz, era admirada por saber contar até cem. Entrei na escola, acho que era o maternal, tive uma professora amorosa que me enchia de atenção e carinho, só que num belo dia minha mãe resolve mudar de vida e, além de separar-se de meu pai foi viver com outra pessoa. Com essa mudança sofri muito, sem o carinho do meu pai e para ajudar tínhamos dificuldades financeiras. Minha mãe trabalhava muito como costureira para ajudar nas despesas, e com isso eu a ajudava a cuidar da casa, do meu irmão pequeno e com as costuras também. E meu estudo ficou de lado. Com esse filme pude me identificar e entender toda minha dificuldade, me achava burra, pensava até que tinha problemas de aprendizagem não entendia o que estava acontecendo, sentia rejeição dos amiguinhos, a professora do primário me chamava de burra, ela ficava nervosa porque eu não conseguia acompanhar o ensino. Claro que não conseguiria, pois na minha família não existia o Capital Cultural de uma família diplomada, minha mãe não acompanhava minha vida escolar, não olhava lições, não ajudava nas tarefas de casa, não íamos a teatro, a cinema, nem a museus, na verdade não tinha atenção necessária que toda criança precisa ter. Meu material era incompleto, o uniforme era um para o ano inteiro, sapatos também para o ano inteiro. Muita dificuldade. Uma infância sem brincadeira, sem amiguinhos, eu adorava pular corda, mas não podia, brinquedos não me lembro de nenhum em especial, por que não tive. A única coisa que lembro é que tinha que ajuda-la no serviço de casa, olhar um irmão mais novo, e por ultimo ajudar arrematar todas as costuras. Não tenho vergonha de dizer eu levava dois anos para fazer um. A maior dificuldade que tinha era na Língua Portuguesa não conseguia entender nada. O tempo passou e quando estava com quatorze anos quis fazer datilografia, foi a melhor coisa que fiz, pois com o curso logo arrumei um emprego no escritório, daí em diante comecei a ter amigos, ir ao cinema, ler livros, enfim tudo foi mudando. O ginásio foi em colégio estadual, mas quando chegou ao colegial fiz questão de pagar meus estudos, estudei no Liceu Coração de Jesus, ai sim fui sentido a diferença nos estudos, por quanto à parte social com os colegas, trocávamos ideias, jogávamos ping pong, ia ao teatro, ouvíamos musica, dançávamos. A organização do colégio, as pesquisas, as matérias, os trabalhos, tudo era maravilha já não sentia tanta dificuldade. Hoje depois da pesquisa*

*do sociólogo Bourdieu com seu estudo sobre a habitus com destaque para o capital cultural é que entendo o porquê do preconceito, não era apenas por não saber, não conseguir acompanhar, mas sim pela classe social também. A pessoa precisa ter não só qualidades intelectuais adquiridas pela escola, mas pela convivência com a família, mas uma família participativa. Também senti preconceito na pós-graduação por não ser da área da Pedagogia, mas foi mais fácil driblar esse preconceito, pela experiência de vida que tenho.*

Cleusa Sabino

*Em 2005 iniciei minha Graduação em Administração Geral com 17 anos, com a bagagem do ensino médio alcançada em escola pública tornou-se um grande desafio, não tinha dimensão do que era uma Universidade. No primeiro semestre existia uma diversidade de pessoas, tanto cultural quanto social, no entanto era explícito que os professores limitavam a aula para os alunos que de certa forma trouxe consigo uma bagagem de estudos bem diferente, cultura familiar, escolas particulares e cursinhos. No decorrer do curso por diversas vezes pensei em desistir, porém pensava na minha família que confiava em mim, queria ter uma filha formada. Eu pensava no que eles passaram no passado e sempre buscava oferecer o melhor e eles que nunca tiveram a chance nem de terminar o antigo Colegial, precisavam de mim e por eles decidi vencer todas as barreiras e realizar o meu e o sonho deles. Assumo não foi fácil enfrentar a timidez, aqueles olhares quando eu falava que estudei em escola pública e meus pais não tinha formação alguma, muitos com pais doutores, engenheiros, entre outros. Foram anos que não entendia tudo que aconteceu comigo nesse período, sim eu possuía um habitus diferente do primeiro dia de aula. Lutei e venci os preconceitos, descobri habilidades que nunca imaginei. Chegou a vez de mais um desafio: a minha Pós Graduação, dúvidas surgiram, qual curso fazer? E decide que iria fazer Gestão de Pessoas, fiz minha matrícula e minha família me dando um apoio total. Planejei, comecei a estudar antes algumas coisas, pensei em me preparar. Chegando próximas as aulas me ligaram da Faculdade e informei que não formou turma, eu fiquei sem rumo, tudo que planejei foi por água abaixo, o período já não permitia me inscrever em outra Universidade, me fizeram a proposta de fazer o curso de Docência no Ensino Superior e aceitei mais este desafio. Imaginam você entrar numa sala de aula e encontrar 90% dela formada por professores universitários, especialistas, doutores e Mestres; se eu achei que na minha graduação eu havia sofrido um choque de cultura imagina naquele momento. Um curso totalmente fora da minha área de atuação, pessoas com nível cultural e social elevado, achei que não iria continuar que não voltaria mais. A cada sábado uma matéria que nunca nem ouvi falar. Para resumir foi o curso mais difícil que já fiz, porém o que mais superei minhas notas desenvolveu habilidades, passei por muito preconceito até mesmo nesse artigo na formação dos grupos fomos excluídas, e eu entendo o fato de alguns já possuem uma bagagem maior, opiniões formadas, mas acredito que terei a oportunidade de um dia sentar com eles e trocar ideias, promover uma troca de experiências. No decorrer do curso não falava muito, ouvi muito e cada vivência deles em sala de aula me motivou a seguir e a encontrar esse caminho, que no início achava que não iria agregar nada na minha vida, mas pelo contrário independente de não atuar na área, o importante é que sai com a certeza de que não deve e nem deveria existir a desigualdade, porque todos são capazes de fazer o melhor. Ao estudar Bourdieu me identifiquei muito com seu pensamento, tudo que citei nesse depoimento se enquadra no que ele defende e tentou provar. A desigualdade existe sim e hoje entendo que tudo que vivi não é de hoje, o próprio autor relata essa vivência e que encontrou para esse experiência uma definição: tudo é uma questão de capital cultural ligado a origem social que constitui desigualdade. O capital cultural que é fruto de sua classe social interfere diretamente na vida do aluno em sala de aula. Bourdieu após a aula os demais zombavam os pais iam buscar eles na Universidade e Bourdieu unificou fatores e entendeu que a criação, ou seja, a família interfere diretamente no desenvolvimento do agente, assim como seu capital cultural. O meu comportamento, minha conduta nos cursos foram criadas inconscientemente, ou seja, foram naturalmente construídos em meus processos de socialização.*

Adriana Santana

## A CONSTITUIÇÃO SOCIAL DO SUJEITO E A GÊNESE DE SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: A Identidade docente em foco

A identidade docente é entendida como um processo de construção social, nele o sujeito se constrói com base na significação social da vida pessoal e profissional e de suas tradições. Um conjunto complexo constituído por um corpo organizado de saberes, normas e valores a que o sujeito é chamado a responder como parâmetro de responsabilidade e reconhecimento diante de sua função social, o que pode gerar ou não autonomia e compromisso.

Desse modo, a recuperação das memórias escolares lança luz sobre a gênese dos intervenientes presentes na identidade docente e, por conseguinte nas práticas pedagógicas exercidas e produz uma análise compreensiva de sua configuração por meio da história individual e coletiva, decorrente das experiências vividas ao longo da trajetória pessoal e social dos sujeitos pesquisados.

Os depoimentos explicitam as “*dificuldades*”, os “*mecanismos de exclusão*”, os “*sentimentos de pertença ou não*”, além de evidenciar “*situações cotidianas*” causadas pela falta de oportunidades, interpretadas pelos sujeitos pesquisados como “*incompetência*”, “*ausência de direitos*”, “*vergonha*”, entre outros, expressos por elas como mecanismos que as fazia sentir “*menos*” em vários âmbitos sociais.

É perceptível que as dificuldades relatadas estão ligadas a uma condição possível de constituição do *habitus* que posteriormente, causou nas professoras analisadas esse sentimento de incompetência e vergonha, é evidente que em seus processos de socialização não construíram um capital cultural compatível com a exigência do ambiente (escola) a que estiveram submetidas.

Além disso, o ambiente institucional ao reproduzir uma cultura incompatível com a experiência socializadora produz mecanismos de exclusão, vistos inicialmente como naturais, mas que se analisados na perspectiva das condições objetivas evidenciam um processo de construção legitimado socialmente para manter uma determinada hierarquização.

Por outro lado, para os sujeitos constituídos a partir de um determinado *habitus* enfrentar o desafio de superar tal condição exige um esforço que explicita dificuldades em face de um contexto desconhecido, nessa dinâmica o sujeito, muitas vezes, considera que sua incapacidade de superação se deve à sua própria incapacidade e não a um mecanismo que muito cedo já determina posições, em função de sua trajetória de socialização.



Alguns excertos de seus depoimentos exprimem essa experiência socializadora distorcida em função de mecanismos ideológicos pautados nos interesses de classe que visam à manutenção das estruturas sociais.

*“Minha mãe trabalhava muito como costureira para ajudar nas despesas, e com isso eu a ajudava a cuidar da casa, do meu irmão pequeno e com as costuras também. E meu estudo ficou de lado” (C.S.) ou ainda, situações como as descritas por (A.S.) “Assumo não foi fácil enfrentar a timidez, aqueles olhares quando eu falava que estudei em escola pública e meus pais não tinha formação alguma, muitos com pais doutores, engenheiros, entre outros”.*

O que na verdade parece ocorrer na trajetória das professoras é denominado por Bourdieu (2003) como um processo em que a sociedade reitera para o sujeito uma conduta que ela mesma não lhe permitiu construir. Ocorre que a leitura feita pelo sujeito é sempre inversa, a passagem pela escola reproduz um pensamento distorcido que o faz acreditar que a ausência de sucesso é individual e nunca resultado de um processo social que exclui, seleciona e viola direitos.

De outra perspectiva, os dados também apontam uma formação pautada em parâmetros mínimos para aqueles que não possuem o capital cultural legitimado socialmente e apontam como caminhos possíveis apenas aqueles que levam a inserção no mercado de trabalho.

*“A maior dificuldade que tinha era na Língua Portuguesa não conseguia entender nada. O tempo passou e quando estava com quatorze anos quis fazer datilografia, foi a melhor coisa que fiz, pois com o curso logo arrumei um emprego no escritório” (C.S.).*

*A cada sábado uma matéria que nunca ouvi falar. Para resumir foi o curso mais difícil que já fiz, porém o que mais superei minhas notas desenvolveu habilidades, passei por muito preconceito até mesmo nesse artigo na formação dos grupos fomos excluídas, e eu entendo o fato de alguns já possuírem uma bagagem maior, opiniões formadas, mas acredito que terei a oportunidade de um dia sentar com eles e trocar ideias, promover uma troca de experiências (A.S.).*

Embora a professora relate que prosseguiu nos estudos, é visível uma conduta mais imediata em busca de inserção no mercado de trabalho. No relato seguinte, é evidente o surgimento de lacunas no processo de aprendizagem da professora que relata desconhecimento sobre temas tratados e seu esforço para superar tal situação.

Em outro trecho, relatam dificuldades no processo de inserção do contexto escolar, além do esforço para sobrepor um capital cultural deficiente que, na verdade é resultado de toda uma dinâmica social e que o sujeito, na maioria das vezes, toma como individual:

*“Foram anos que não entendia tudo que aconteceu comigo nesse período, sim eu possuía um habitus diferente do primeiro dia de aula. Lutei e venci os preconceitos, descobri habilidades que nunca imaginei” (A.S.).*

*“O ginásio foi em colégio estadual, mas quando chegou ao colegial fiz questão de pagar meus estudos, estudei no Liceu Coração de Jesus, ai sim fui sentido a diferença nos estudos” (C.S.).*

É recorrente a manutenção de estruturas que permitem trajetórias individuais e sociais pautadas em parâmetros mínimos que garantam a acumulação de capitais necessários à entrada no mercado de trabalho, mas distante da construção de condutas críticas, autônomas e participativas.

Estabelecer rupturas com essa dinâmica processual exige do sujeito um esforço que não é necessário àqueles que constroem suas disposições em contato com um “capital cultural” legitimado pelas classes dominantes.

*“No decorrer do curso não falava muito, ouvi muito e cada vivência deles em sala de aula me motivou a seguir e a encontrar esse caminho, que no início achava que não iria agregar nada na minha vida, mas pelo contrário independente de não atuar na área, o importante é que sai com a certeza de que não deve e nem deveria existir a desigualdade, porque todos são capazes de fazer o melhor” (A.S.)*

O professor educado e formado a partir dessa configuração tende a reproduzir em suas práticas pedagógicas sua experiência socializadora e, portanto, de posse de uma identidade construída em função de parâmetros mínimos, não alcança autonomia suficiente para exercer ações transformadoras, tão necessárias à educação contemporânea.

Os depoimentos das professoras analisadas permitem compreender a força do *habitus* presente na configuração de suas identidades bem como dá a dimensão do quanto o capital cultural decorrente de sua condição social, pode fazer diferença na caracterização dos desafios a serem enfrentados na vida pessoal e profissional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intento principal deste artigo foi recuperar as memórias da infância dos professores pesquisados e confrontar tais dados aos estudos de Bourdieu (2003) para compreender como tais dados influenciaram a constituição da identidade profissional. Apesar do reconhecimento de que a experiência socializadora constrói a identidade social e cultural através da experiência de vida, havia a ausência do entendimento de que a identidade de um futuro docente estava atrelada a esse processo complexo e transformador. Diante dessa possibilidade é possível compreender a constituição identitária dos professores pesquisados e avançar na reflexão sobre a identidade

docente por meio da análise de valores construídos a cada vez que o sujeito se submete a um processo de formação.

Além disso, é evidente que esse processo por parecer natural torna as ações inconscientes, dadas como as únicas possíveis no universo do sujeito e, por isso, muitas vezes, há uma dificuldade em aceitar mudanças que parecem trair tal configuração arraigada ao pensamento. Adotar novas posturas e aceitar novos comportamentos pode parecer inclusive, condenável aos olhos de uma sociedade que reforça alguns princípios e legítimas posições consideradas pertinentes ao contexto.

A gênese dos elementos presentes na identidade das professoras foi abordada a partir dos depoimentos que evidenciaram uma dinâmica de exclusão, traduzida pelas dificuldades enfrentadas ao serem submetidas a situações que configuraram desigualdades recorrentes nos âmbitos sociais e profissionais. A luta contra a desigualdade iniciada na percepção e nos escritos de Bourdieu (2003) é também nossa e essa experiência de retomada das memórias proporcionou a compreensão desse movimento. Ninguém melhor do que quem viveu tal experiência para discuti-las nas salas de aula e construir uma formação autônoma que possa promover tal ruptura.

Os estudos sobre a identidade permite a construção de um pensamento libertador porque se não resolve o problema social a que estamos submetidos, ao menos dá a dimensão dos mecanismos sociais presentes nessa configuração que, por vezes é sutil e sempre, injusto.

Se existe uma intencionalidade posta no processo de socialização, a sua superação passa pela compreensão de seus mecanismos para que a prática do professor possa construir posicionamentos capazes de transformar essa dinâmica.

A discussão do ponto de vista teórico permitiu concluir que o *habitus* constituído por nós, nos processos de socialização ao longo de nossa trajetória de vida e socialização é responsável pelo capital cultural possível para cada sujeito social, e representa o motor capaz de agregar valor ao contexto profissional e pessoal.

Tal fenômeno está relacionado a uma violência simbólica descrita por Bourdieu (2003) como mecanismos de seleção que começam muito cedo e, sendo sociais, são tomados como pessoais e assim, ao sujeito é imputada uma responsabilidade que na verdade deveria ser imputada ao sistema que gere a vida social. Nesse movimento a identidade do professor e suas práticas pedagógicas estão sujeitas a essa dominação sutil e perversa.

## Referências Bibliográficas

BOURDIEU, P. *Esboço de uma teoria da prática*. In: *A sociologia de Pierre Bourdieu*. Renato Ortiz (Org.). São Paulo: Olho D'água, p. 39-72. 2003.

CUNHA, M. A. A. *O conceito “capital cultural” em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica*. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 25, n. 2, 503-524, jul./dez. 2007.

OLIVEIRA, L. M. S. *As formas identitárias nos contextos de trabalho: Uma análise de profissionalidade docente*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: PUCSP, 2014.

VALLE, I.R. *O lugar da educação (escolar) na sociologia de Pierre Bourdieu*. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 13, n. 38, p. 411-437, jan./abr. 2013.